

# SALAS INTERATIVAS NO CONTEXTO DA PRODUÇÃO SOBRE GEOGRAFIA: COMUNIDADES TRADICIONAIS, QUESTÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO<sup>1</sup>

Edson Vicente da Silva

[cacau@ufc.br](mailto:cacau@ufc.br)

Antônio Jeovah de Andrade Meireles

[meireles@ufc.br](mailto:meireles@ufc.br)

Alexandra Maria de Oliveira<sup>2</sup>

[alexandra.oliveira@ufc.br](mailto:alexandra.oliveira@ufc.br)

## INTRODUÇÃO

O Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) possui diferentes laboratórios que se dedicam à execução de pesquisas e à formação de bacharéis e licenciados em Geografia. Um dos enfoques principais das universidades brasileiras, com o devido apoio institucional do Ministério da Educação (MEC), tem sido o de integrar e desenvolver ações conjuntas no ensino, pesquisa e extensão.

No Laboratório de Climatologia e Recursos Hídricos (LACRHI), do Departamento de Geografia, o ensino e a pesquisa desenvolvem-se de forma simbiótica e progressiva. Com o intuito de complementar o tripé (ensino, pesquisa e extensão) que orienta a política educacional universitária no Brasil, foram institucionalizados dois projetos de extensão de caráter permanente. Esses projetos, que desenvolvem-se acoplados fisicamente ao Laboratório de climatologia e recursos Hídricos são o Museu de Ciências Ambientais Mundo livre e a sala Verde Água Viva.

Enquanto o Museu de Ciências Ambientais Mundo Livre desenvolve-se com o apoio financeiro da Universidade federal do Ceará e do CNPQ, a sala Verde Água Viva é apoiada institucionalmente pelo Ministério do Meio Ambiente e o Ministério da Educação, que constantemente fornece material didático pedagógico em meio impresso e digital.

As salas interativas, o Museu de Ciências Ambientais Mundo Livre e a Sala Verde Água Viva são frutos das interações entre pesquisa, ensino e extensão de um grupo de professores e alunos da Universidade Federal do Ceará (UFC), que trabalham com as disciplinas de Oficinas Geográficas, Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia Física, Geografia do Nordeste e do Ceará e Estágios Supervisionados em Geografia.

Entre os objetivos prioritários dessas salas interativas está trazer as comunidades para dentro da Universidade e levar a Universidade para o seio das comunidades, realizando atividades que envolvem interações entre os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais. Esses professores e alunos têm em comum a preocupação com a questão ambiental vinculada a uma leitura política do ato de ensinar Geografia. Essa relação se expressa por meio de suas pesquisas sobre temáticas ligadas a questão ambiental, educação do campo e movimentos sociais. Também, se interessam em discutir formação continuada de professores e em construir oficinas temáticas trabalhadas nas comunidades pesquisadas.

Atualmente, fazem parte das salas interativas, além dos referidos professores, alunos de graduação e pós-graduação que se interessam em discutir a educação geográfica. As temáticas relacionadas ao ensino de Geografia parecem pouco atrativas para parte considerável dos professores dos cursos de Geografia que muitas vezes optam apenas pela formação técnica. As pesquisas desenvolvidas nas salas interativas buscam contribuir para o

---

<sup>1</sup> Pesquisa apoiada financeiramente pelo MEC e CNPq.

<sup>2</sup> Professores do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará – Brasil

desenvolvimento de um conjunto de instrumentos capazes de contribuir para o trabalho com a Geografia como disciplina escolar nas escolas e comunidades pesquisadas.

O trabalho com a Geografia envolvendo comunidades tradicionais, questão ambiental e educação do campo, tem nos colocado diante do desafio de exigir rigor, criticidade, ética, risco, consciência, reconhecimento, compromisso, respeito e autonomia à prática docente.

A expectativa dos pesquisadores ao constituir um conjunto de pesquisa que aborde temáticas relacionadas ao ensino de Geografia, questão ambiental e movimentos sociais no Ceará foi fortalecer a construção, em conjunto com a(s) comunidade(s), de instrumentos didáticos de apoio ao ensino de Geografia na escola, realizando ainda, práticas como oficinas e palestras junto as comunidades envolvidas. Parte-se do princípio que, a escola é o espaço por excelência da construção dialógica do conhecimento e que a Geografia como disciplina escolar contém conteúdos científicos que em conjunto com os saberes de experiências tradicionais, podem contribuir para a construção de uma leitura da realidade social tendo por princípio a fala dos sujeitos sociais e, a partir daí, mobilizar recursos teóricos e práticos que permitam decifrar suas falas.

Para isso, prioriza-se a observação participante, a entrevista em profundidade, a participação dos pesquisadores em reuniões e levantamento de documentos oficiais e, ainda, o trabalho com oficinas em campo.

O grupo de pesquisadores das salas interativas tem registro no Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), estando vinculado ao Curso de Geografia e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFC. A equipe é constituída por seis professores, vinte e cinco alunos da graduação e cinco alunos da Pós-Graduação (Mestrado em Geografia e Programa de Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Dentre os seis professores, existem formações diferenciadas justamente para respaldar o caráter interdisciplinar do projeto. Dentre elas podemos citar: Educação do Campo e Ambiental, Climatologia Dinâmica, Geomorfologia Aplicada, Ecologia e Biogeografia, Cartografia e Sensoriamento Remoto e Manejo de Bacias Hidrográficas.

Todo o trabalho de pesquisa e educação desenvolvido pelas salas interativas é parte constitutiva da produção sobre Geografia, comunidades tradicionais, questão ambiental e educação desenvolvida no Ceará. O trabalho com as salas interativas no Curso de Geografia tem exigido um repensar em nossas práticas de ensino e pesquisa em Geografia, ficando como regra, o fato de ser de importância fundamental no processo de extensão o envolvimento de professores, alunos e comunidades no trabalho coletivo.

O estudo da sociedade moderna deve servir como ponto de partida para a reflexão sobre a contribuição da Geografia na construção de instrumentos teóricos e práticos de análise e explicação da realidade sócio-ambiental, e quiçá, possa contribuir, em conjunto com os movimentos sociais, para transformações na sociedade.

Atualmente o projeto desenvolve ações em três comunidades, incluindo suas respectivas escolas públicas, todas elas situadas no meio rural. A primeira comunidade trabalhada é a Terra Indígena Jenipapo-Kanindé da lagoa da Encantada (Aquiraz), que conta com um contingente populacional de 250 pessoas e envolve a participação de 60 alunos e 6 professores da escola Indígena Diferenciada Jenipapo-Kanindé.

Uma das outras comunidades, a exemplo da anterior, situa-se em um ambiente litorâneo: é a comunidade de pescadores da Praia das Fontes (Beberibe). Estão envolvidos no projeto 110 alunos e 6 professores da escola pública local, sendo que a comunidade tem cerca de 850 integrantes.

A última comunidade participante corresponde ao Assentamento 25 de maio, pertencente ao Movimento dos Sem Terra (MST), no sertão semi-árido do município de

Madalena. Nessa comunidade trabalha-se com 75 alunos e 8 professores, sendo que o total da população do assentamento rural da localidade é de 370 pessoas.

## **METODOLOGIA APLICADA NO DESENVOLVIMENTO DO PROJETO**

As salas interativas constituem projetos de extensão de caráter permanente, possuindo cada uma delas um professor coordenador, professores orientadores, bolsistas e estagiários, todos atuam em programações efetivadas durante o período letivo e inclusive durante as férias escolares. Esses projetos de extensão, ensino e pesquisa possuem uma estrutura física localizada no prédio do Departamento de Geografia da Universidade federal do Ceará. Tanto o Museu como a Sala Verde dispõem de infra-estrutura adequada à sua funcionabilidade, recebendo apoio de materiais de consumo e didático da Pró-Reitoria de Extensão e dos Ministérios da Educação e do Meio Ambiente do Brasil. As bolsas de pesquisa e extensão para os alunos são fornecidas pela própria UFC com o apoio institucional do CNPq e MEC.

Os fundamentos teóricos e procedimentos metodológicos utilizados foram apoiados em publicações referentes a experiências de projetos e ações similares realizados pela AQUASIS (2000), Barreto Filho (1987), Castro (2000), FUNAI (2002), Meireles e Silva (2002), Sampaio *et al* (2002), Teófilo da Silva (1999) e Vicente da Silva (1998).

Em uma fase inicial o projeto foi apresentado para a comunidade, sendo expostos e discutidos os aspectos relativos às ansiedades e necessidades das populações locais, para que as mesmas estejam inseridas de forma a que o projeto pudesse desenvolver-se por meio de pesquisas e ações educativas de caráter participativo. As tecnologias e metodologias utilizadas procuraram uma linguagem compreensível a todos, buscando diferenciar estratégias em função das faixas etárias, nível educacional e formação profissional do público-alvo.

A educação ambiental atuou como um eixo transversal por meio de seu caráter interdisciplinar e de conexão entre as diferentes vertentes dos saberes tradicionais e do conhecimento técnico-científico. Em seu conjunto, o projeto trabalhou em cinco principais linhas de atuação, que apesar de sua diversidade, foram desenvolvidas de forma conjugada. Neste sentido, as principais linhas de atuação foram: educação escolar (diferenciada indígena, do campo e comunitária), resgate e valorização cultural, produção rural, saneamento básico e conservação ambiental.

Com o enfoque direcionado às práticas participativas, procurou-se aprimorar as formas de desenvolvimento comunitário que fossem orientados à sustentabilidade socioambiental, de forma que futuramente a própria comunidade possa construir seus caminhos nesse sentido. Estudos já realizados nas comunidades foram incorporados previamente ao processo de leitura e diagnósticos locais, estes efetivados por meio de trabalhos de campo, observação direta e de troca de informações junto às populações de cada território.

Apoiada nas informações obtidas de forma participativa, foram desenvolvidas oficinas temáticas e cursos específicos para cada uma das linhas de atuação do projeto das salas interativas.

Na área de educação escolar foram desenvolvidos as seguintes oficinas e cursos:

- a) Leitura de editais e elaboração de projetos,
- b) Educação ambiental na escola,
- c) Os parâmetros curriculares nacionais com enfoque na Geografia,
- d) A utilização de novos recursos tecnológicos no ensino básico e fundamental,
- e) Produção de material didático na escola,

f) Geografia do Nordeste e do Ceará.

Com respeito ao resgate e valorização cultural, foram ministradas oficinas e cursos sobre:

- a) Povos e cultura ameríndia,
- b) Etnia e cultura indígena no Brasil,
- c) História e Geografia da África,
- d) História da colonização do Ceará,
- e) Comunidades indígenas do Ceará,
- f) Educação ambiental e cultura.

Quanto à produção rural foram realizadas atividades envolvendo:

- a) A luta pela terra e a reforma agrária,
- b) Artesanato e produção comunitária,
- c) Ecoturismo, turismo rural e turismo comunitário,
- d) Cooperativismo e novos meios de produção,
- e) Agricultura ecológica e permacultura,
- f) Educação ambiental e produção rural.

Com relação ao saneamento básico foram oferecidos cursos/oficinas tratando sobre:

- a) Educação sanitária,
- b) Coleta seletiva de resíduos sólidos,
- c) Reciclagem e reutilização de resíduos sólidos,
- d) Compostagem para uso agrícola,
- e) Educação ambiental ecologia aplicada.

Referente à conservação ambiental, abordaram-se:

- a) Ecossistemas litorâneos,
- b) O semi-árido nordestino e cearense,
- c) Cartografia aplicada,
- d) Análise e diagnóstico geoambiental,
- e) Educação ambiental e desenvolvimento sustentável.

Os conteúdos programáticos e estratégias didático-pedagógicas de cada curso e oficina foram previamente construídas de forma participativa com a devida interação entre os ministrantes e o público-alvo. Algumas atividades específicas receberam a colaboração de professores e alunos da UFC, pertencentes a diferentes áreas de conhecimento, como História, Agronomia, Pedagogia, Turismo, Cartografia e Psicologia. Os cursos constaram de exposição de conteúdos referentes a conceitos e fundamentações teóricas, enquanto as oficinas assumiram um caráter prático.

Após cada conjunto de curso/oficina respectivo a cada linha de atuação, foram realizadas avaliações quanto à análise dos conteúdos, à efetividade das estratégias pedagógicas e à assimilação do que foi ministrado. As aulas e práticas dos cursos e oficinas foram ministradas por professores, técnicos e estudantes universitários, abrindo-se porém a participação e colaboração direta de professores das escolas locais, agricultores, artesãos e pescadores. Nesse sentido, além de se desenvolver uma abordagem inter e transdisciplinar, a educação ambiental como eixo integrador, foi possível aplicar uma metodologia participativa, integrando os conhecimentos técnico-científicos e os saberes tradicionais.

O material de consumo e equipamentos de informática utilizados nas atividades didático-pedagógicas foram obtidos através de recursos fornecidos pelo CNPq e MEC/SESU/DIPES, enquanto o transporte das equipes técnicas foi cedido pela Pró-Reitoria de extensão da Universidade federal do Ceará. Os processos e resultados obtidos no decorrer do projeto subsidiam a elaboração de monografias e dissertações de conclusão de cursos, relatórios técnicos e artigos científicos publicados e apresentados em encontros científicos, além da edição e impressão de materiais didáticos e CD-ROM.

## RESULTADOS

Os resultados previstos se adequaram aos objetivos pré-estabelecidos, bem como fluíram a partir do desenvolvimento dos cursos e oficinas. Inicialmente, foi possível analisar e diagnosticar as atuais condições das escolas envolvidas, verificando seus principais problemas e limitações.

A partir do diagnóstico das escolas e dos espaços geográficos das comunidades e seu entorno, estabeleceram-se ações interativas. Os professores locais foram capacitados e trabalharam-se os parâmetros curriculares específicos, adaptando-os à realidade de cada comunidade.

Dessa forma, a partir do conhecimento das realidades socioambientais e educacionais, pode-se apresentar propostas de melhoria da infraestrutura e funcionabilidade das escolas, através de relatórios técnicos, que estão sendo entregues às secretarias educacionais dos municípios de Aquiraz, Beberibe e Madalena, bem como às Secretarias de Educação e de Cultura do Estado do Ceará.

Foi possível efetivar uma reciclagem de conhecimentos nos professores locais, capacitando-os tanto para melhor aplicarem suas técnicas didático-pedagógicas em informática, como também ampliarem as informações de conteúdos em suas aulas, principalmente de Geografia e História (ver figura 1). Elaboraram-se cartilhas e CD-ROM com temas adequados aos parâmetros curriculares e às especificidades do ensino voltados para as educações do campo, indígena diferenciada e comunitária.



**FIGURA 1** Aula de informática e elaboração de projetos na Comunidade Indígena Jenipapo-Kanindé/Ce.  
**Fonte:** Silva (2008)

A formação de grupos de alunos e professores locais levou à criação de salas temáticas (brinquedoteca, sala de leitura, jornal mural, sala de ciências), a programações para exposições temporárias relativas a questões culturais e ambientais (ver figura 2). Além dos professores, jovens e adolescentes das últimas séries escolares foram capacitados na confecção de artesanato, produção hortícola e na condução turística em trilhas ecológicas.



**FIGURA 2** Sala de leitura instituída durante o Projeto na Comunidade da Praia das Fontes-Beberibe/Ce.  
**Fonte:** Silva (2008)

Quanto aos resultados dos diagnósticos, construíram-se mapas imaginários e reais dos espaços geográficos de cada comunidade. A partir dessa análise inicial será possível se propor planos de zoneamento e gestão ambiental.

As publicações estão em processo de edição, havendo trabalhos científicos preparados por alunos (monografias, dissertações) com alguns já concluídos. Parte do material didático já foi produzida e editada (CD-ROM), enquanto outra parte (cartilhas) estão em fase de conclusão e impressão.

O projeto de ação integrada das salas interativas nas atuais comunidades pretende desenvolver-se por mais dois anos, uma vez que há recursos humanos, material de consumo e equipamentos para tanto. Além da continuidade das ações, estão programadas estratégias de acompanhamento, avaliação e monitoramento dos resultados.

Entre as ações a serem desenvolvidas nesse sentido estão:

- Acompanhar a participação efetiva dos professores, alunos e membros das comunidades nas atividades e definição das realidades socioambientais e educacionais;
- Elaborar relatórios síntese das atividades relacionadas com os cursos e oficinas para professores das escolas, sobre os resultados dos diagnósticos ambientais e propostas de zoneamento;
- Observar o detalhamento e aplicabilidade dos métodos e processos pedagógicos associados às novas tecnologias de ensino e aprendizagem;

- Constatar a qualidade metodológica das publicações relacionadas com as cartilhas, CD-ROM e materiais pedagógicos elaborados no desenvolver do projeto;
- Avaliar de forma sistemática as atividades de campo e didáticas, por parte dos coordenadores dos projetos, através da elaboração e análise de relatórios mensais com as atividades realizadas e previstas;
- Registrar os conteúdos e ações dos projetos de forma descritiva e fotográfica;
- Expor os materiais didáticos e artefatos culturais produzidos nas oficinas e outras atividades complementares;
- Entrevistar e aplicar questionários com os membros da comunidade para avaliar a qualidade e absorção dos conhecimentos produzidos;
- Compor um *checklist* de todas as atividades com os resultados alcançados pelo diagnóstico, mapas temáticos, zoneamento ambiental, cursos e oficinas específicos, relatórios parciais e finais.

As ações desenvolvidas pelas salas interativas – Museu de Ciências Ambientais Mundo Livre e a sala verde Água Viva tem propiciado a formação e capacitação de jovens e adultos de três comunidades. Ações de caráter formal e informal, integrações entre conhecimentos técnico-científicos e saberes tradicionais unem-se e refletem de forma positiva no âmago do ensino, pesquisa e extensão desenvolvidos nos projetos.

Através de um sentimento envolvendo respeito e humildade, pode-se chegar a uma das regras básicas da educação e do desenvolvimento sustentável: saber ouvir, observar e aprender, para poder ensinar.

## **O CASO ESPECÍFICO DA EDUCAÇÃO NO CAMPO: O ASSENTAMENTO 25 DE MAIO**

A luta pela terra contém necessariamente a luta por uma educação do campo: experiências com a prática de ensino em Geografia.

O Assentamento 25 de Maio localiza-se nos municípios de Madalena, Boa Viagem e Quixeramobim na depressão sertaneja do Sertão Central cearense, distante cerca de 150km da cidade de Fortaleza e 30km do núcleo urbano do município de Madalena. Esse assentamento é composto por cerca de 18 comunidade. A escolha da comunidade do Quieto se deu em uma viagem de reconhecimento das regulares presentes na área rural do município de Madalena. Decidiu-se por essa comunidade pela informação obtida da proposta pedagógica desenvolvida com traços da pedagogia da terra e a disponibilidade da comunidade-escola em trabalhar com a universidade.

O 25 de Maio foi fruto de uma ocupação organizada pelos camponeses e apoiada pelos sindicatos, CPT e MST. De acordo com os camponeses havia a necessidade de uma organização política capaz de superar a situação de submissão em que se encontravam.

De acordo com Azevedo (1992), o dia 25 de Maio, data marcada para a ocupação organizada pelo MST, denomina hoje a antiga fazenda São Joaquim. Essa era propriedade do Sr. Wicar Parente Pessoa abrangendo uma área de 22.992,00 hectares, imóvel considerado improdutivo no cumprimento de sua função social, compreendendo terras exploradas e mata virgem. Nela residiam cinquenta famílias na condição de moradores. Completados 15 dias da ocupação foi assinada a emissão de posse da terra, era 09 de junho de 1989. Foi o processo mais rápido até então ocorrido. A organização do movimento, bem como a conjuntura existente a nível estadual e federal em relação ao PNRA, levou a este feito.

A experiência de trabalho com a Escola Jette Joop, localizada na comunidade do Quieto, teve como objetivo fazer a relação Universidade – escola básica no campo e, ainda, criar instrumentos que possam contribuir para o trabalho da escola com a Geografia.

A escola de ensino fundamental foi construída a partir da doação de uma cidadã alemã (Jette Joop) que via Cruz Vermelha Brasileira doou os recursos financeiros necessários para a construção da escola que a homenageou dando à escola seu nome.

A escola além de ser referência em termos de organização e trabalho no assentamento se apresenta em um excelente estado de conservação. O prédio tem cerca de um ano e possui seis salas de aula, uma secretaria, uma cozinha e ao lado um posto de saúde. Antes do prédio atual a escola funcionou por muitos anos em um antigo galpão da cooperativa que hoje, ainda, mantém salas de aula e área de estocagem de parte dos produtos produzidos no assentamento.

Após contato inicial com a comunidade do Quieto e a secretaria de educação do município fomos em número de 6 pessoas (dois professores e quatro alunos), assim foi proposto trabalhar com todas as séries do ensino fundamental, acreditando que se poderia obter uma leitura completa do trabalho com a Geografia discutida na escola.

O trabalho organizado em maio foi providencial, a escola encontrava-se em pleno funcionamento e mesmo muito atarefadas duas das professoras nos receberam com empolgação. Houve uma breve apresentação do grupo às professoras e um encaminhamento de trabalho que iniciou logo após o intervalo da aula.

A abertura dos trabalhos foi iniciada com uma mística que enfatizou a educação do campo e a troca entre os sujeitos moradores da cidade e o campo na luta por uma vida digna.



**FIGURA 3** Mística, momento de socialização dos grupos no Assentamento 25 de Maio/Ceará.  
**Fonte:** Oliveira (2008).

Como uma forma de mostrar o orgulho, a organização e a força do MST os militantes entoaram o hino do movimento e passaram a palavra para nós professores da UFC.

Em um momento inicial colocamos os objetivos de nosso trabalho e convidou-se a todos para uma exposição (previamente organizada no galpão) e a leitura sobre as diferentes paisagens existentes no território brasileiro. Muitas dessas paisagens encontravam-se expostas



em painéis e postais ao longo do galpão e outras puderam ser vistas em *slides* em uma aula expositiva que prezou pela necessidade de preservação dos ambientes de cerrado, mata atlântica, caatinga entre outros. A aula foi rica em exemplos brasileiros e explorou a realidade cearense. Os alunos demonstraram maturidade e interesse pelos temas, observando, anotando e questionando.

Outra atividade desenvolvida na escola foi o trabalho com o filme *Espelho d'água: uma viagem no rio São Francisco*, um filme de Marcus Vinicius Cezar produzido no ano de 2003. O filme relatou sobre a viagem de um fotógrafo ao longo do rio São Francisco. De acordo com o enredo do filme durante a viagem pelo São Francisco, o fotógrafo vai sendo questionado sobre a situação que se encontram os ribeirinhos. A relação entre o ver e o olhar o rio aparece de forma decisiva na trama. Quem vê o São Francisco, como inicialmente o fotógrafo o viu, enxerga somente a beleza de suas águas e a imensidão de seu curso. Quem se propõe a olhar, com questionamento, enxerga os meandros que estão por baixo do belo espelho d'água, a relação dos ribeirinhos com o rio e as práticas sustentáveis existentes ao longo de todo o médio e baixo curso.

O trabalho com o filme teve como objetivo refletir sobre a importância da comunidade para se estudar sobre os lugares e o conhecimento sobre o Rio São Francisco. Ao final da exibição foi possível conversar sobre a cultura do lugar, discutir sobre a transposição do São Francisco proposta pelo governo federal e refletir sobre o estranhamento que se dá com frequência na relação comunidades tradicionais e pesquisadores.

No dia seguinte, iniciou-se um trabalho com as séries iniciais (1º. e 2º. anos) do ensino fundamental. Foi proposta uma atividade de desenho do percurso casa – escola ou o lugar onde vivemos, atividade proposta em muitos livros didáticos de Geografia das séries iniciais.

O objetivo foi desenvolver o trabalho de leitura espacial do lugar de vivência com os alunos da comunidade. Após a apresentação inicial e o convite para se trabalhar com o desenho foi entregue aos alunos lápis, borracha, papel ofício, lápis de cera e lápis de cor para que pudessem expressar seus desenhos. Foi dado cerca de 20 a 30 minutos para que o aluno se expressasse com o desenho e as cores. Também, durante esse tempo os professores circulavam na sala procurando dar assistência aos alunos no desenvolvimento da atividade. Desenhos em mãos, os alunos iam sendo convidados um a um pela professora para relatar sobre o que haviam desenhado. Ao apresentarem o lugar de vivência os desenhos enfatizaram a presença da casa, escola, família, natureza, terra, animais, estrada, caminhos, amigos e brincadeiras. Essa prática foi de fundamental importância para se identificar o lugar como o espaço do vivido e experimentado no cotidiano.

Outra atividade (alunos de 3º. e 4º. anos) foi a discussão do tema: relação campo-cidade. O objetivo foi identificar as diferentes leituras presente no imaginário coletivo de alunos do campo para com a cidade e como esses espaços se relacionam.

Após a apresentação inicial e o convite para se trabalhar com o desenho foi entregue aos alunos lápis, borracha, papel e lápis de cor para que pudessem expressar suas leituras. Foi dado cerca de 30 a 40 minutos para que o aluno se expressasse com o desenho e as cores. O resultado foi impressionante.

A noção do que seria a cidade e o campo apareceu de forma bem expressiva. Quando se fez a leitura do que seria a cidade, alguns objetos foram enfatizados na maioria dos desenhos: carros, ruas, motos e prédios. A leitura da cidade é do automóvel, da velocidade e das relações de distâncias. Considerando que muitos desses alunos não conhecem Fortaleza e que Madalena é uma pequena cidade eminentemente horizontalizada, muitas das leituras expressas foram fundamentadas através dos livros didáticos de Geografia e da televisão.

O campo foi muito mais explorado nos traços e nas cores. Na leitura, o açude, a igreja, a casa, a rádio, a escola, a estrada, flores, árvores, animais, plantas, cercas, foram peças

importantes na descrição do campo. Esse apareceu como um lugar apropriado e próximo dos alunos que muitas vezes apareceram nos desenhos em companhia de amigos e parentes. A unidade casa, família, escola é parte constitutiva da leitura do lugar e do campo.

Muitas dessas crianças encontram-se no processo de alfabetização, o trabalho com o desenho e a fala facilitou o diálogo que foi sendo trabalhado no sentido de revelar as diferentes leituras propostas.

Ao final do trabalho foi possível verificar que as leituras do campo para os alunos estavam, intrinsecamente, relacionadas à comunidade do Quietto, um lugar próximo, visível, familiar. Já a leitura da cidade se mistura no pouco que se conhece de Madalena, com o que se vê na televisão e no livro didático. Aparecendo, portanto, como um lugar do carro, da velocidade e dos prédios sempre distantes da vida no campo. No mundo moderno, a cidade se mantém como o distante e desconhecido no imaginário coletivo dos alunos.

Outra atividade (alunos de 5º e 6º anos) foi a de leitura e interpretação de texto em quadrinhos. O texto trabalhado foi a Cartilha sobre o meio ambiente da SEMACE. O objetivo foi verificar a capacidade de leitura e interpretação de texto relacionado à questão ambiental. Durante o trabalho foi observada a dificuldade de leitura da grande maioria dos alunos, mas por outro lado alguns apresentaram o total domínio e interpretação. O nível de compreensão das informações apresentadas na forma de ilustrações em quadrinhos foi bastante satisfatório, o que serve de auxílio no caso de alguns conteúdos que estavam sendo explanados. A capacidade de compreensão dos fenômenos naturais, no caso o aquecimento global, também foi satisfatória. Foi notável o grau de acompanhamento pelos alunos dos telejornais. O que pode ser de grande auxílio pedagógico no que tange a exemplificação de fenômenos e acontecimentos distantes da realidade dos alunos.

Atividade com crianças do 6º e 7º anos foi a atividade de montagem de quebra-cabeça com as regiões brasileiras. O objetivo foi diagnosticar o conhecimento da configuração territorial do Brasil. Iniciamos com uma explanação sobre a configuração territorial do Brasil. De posse de um mapa do território brasileiro apresentamos as regiões e suas especificidades. Em seguida retirou-se o mapa da parede e iniciamos um trabalho de montagem do quebra-cabeça que se encontrava na mesa central embaralhado. A demora na montagem do brinquedo revelou que os estudantes têm dificuldades no reconhecimento da disposição das regiões e estados. Essa constatação estar associada ao fato da escola dispor de pouco material ilustrativo para o trabalho com a Geopolítica brasileira. Até aquele momento a escola não dispunha de mapas para ilustração das aulas, a doação dos mapas do Ceará, Nordeste e Brasil foram feitos com o intuito de se desenvolver melhor a leitura do território nacional com recursos próprios da geografia escolar.

Também foi desenvolvida a atividade de desenho com as regiões Geoeconômicas do Ceará. O objetivo foi o de identificar o conhecimento geral das regiões do Ceará e a localização de Madalena.

A aula iniciou com uma explanação sobre o tema regiões do Ceará. De posse do mapa do Ceará apresentamos o estado e suas regiões Geoeconômicas. Houve uma exposição com o tema e aparentemente foi a primeira vez que os alunos ouviam falar das regiões cearenses, rapidamente, todos souberam localizar o município de Madalena corretamente. É preciso trabalhar com mais frequência às regiões do Ceará, mostrando que elas têm características próprias que se aproximam e se diferenciam umas das outras.

A atividade com perguntas e respostas – Ceará e Brasil foi desenvolvida com alunos do 8º e 9º anos e procurou mensurar o acúmulo de conhecimento básico acerca dos temas. O jogo com perguntas consiste em organizar (com base na turma) perguntas básicas que podem ser de conhecimentos gerais. Questões do tipo: a) qual a capital do Brasil? b) quais as regiões do Brasil? c) que região tem o maior número de estados? d) com base no Estado do Ceará, em que região geoeconômica estão os municípios de Quixeramobim, Boa Viagem e

Madalena? e) qual o clima da região Nordeste?; entre outras. A avaliação dessa atividade em si não pode ser precisa quanto ao conhecimento por parte deles, devido ao nervosismo e ao clima de competição presente no trabalho. O diagnóstico poderá ser preciso se for aplicado um trabalho de pesquisa com as mesmas perguntas.

O último dia de atividades ficou aberto para que a comunidade organizasse uma atividade de fechamento dos trabalhos. Foi organizado um passeio pelo assentamento no qual tivemos a oportunidade de visitar áreas de roçado, terras de uso comum e dar uma volta de canoa no açude da comunidade.

O envolver atividades lúdicas com o ensino de Geografia foi uma opção de trabalho considerado uma surpresa boa por parte dos sujeitos participantes. O que contribuiu de fato para que o trabalho fosse considerado muito gratificante. Como mostram as falas que seguem:

*O trabalho de vocês foi bom porque a gente vai conhecendo o que nunca conheceu. O Rio São Francisco, os açudes no Ceará e isso vai ajudando uns e outros a se unir e se entender (Sr. Vicente – liderança. Assentamento 25 de Maio, 2008).*

*A troca de experiência vivenciada com os alunos trouxe uma proposta de trabalho para a escola. Os desenhos sobre o percurso casa-escola e da relação cidade-campo apresentou para nós a idéia que os alunos fazem do nosso lugar (Profª. Eliane, do Assentamento 25 de Maio, 2008).*

*Foi muito bom trabalharmos juntos. Os alunos perceberam que o conhecimento é um só. Novas metodologias só têm a enriquecer nosso trabalho. Espero que outros momentos aconteçam (Profª. Ecília. Assentamento 25 de Maio, 2008).*

Essa forma dialogada de trabalho conjunto contribuiu para uma avaliação satisfatória por parte da comunidade, corpo docente e discente envolvidos nos trabalhos. Na avaliação final (comunidade e pesquisadores), ficou claro que no início das atividades a comunidade teve dificuldade para entender o que exatamente seria desenvolvido em nossos trabalhos. A própria linguagem foi algo que precisou ser trabalhada para se poder ser entendida. Também, optamos por ir construindo as atividades em campo, respeitando a dinâmica da escola e os limites das turmas e dos professores. Assim, todas as atividades foram construídas no grupo e apresentadas com antecedência para as professoras e modificadas juntamente com elas.

A opção por essa forma de trabalho se deu em virtude da liberdade, do compromisso e do respeito dos professores, pesquisadores e comunidade com o trabalho desenvolvido na escola.

Encerraram-se os trabalhos com satisfação em relação aos objetivos propostos no período específico, também, ficou claro a necessidade do retorno ao assentamento no sentido de produzir instrumentos cada vez mais eficazes no trabalho de leitura e reconhecimento de uma Geografia escolar do campo cada vez mais comprometida com o movimento por uma educação do campo de qualidade.

## REFERÊNCIAS

AQUASIS (Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos). *Avaliação de locais para implantação de pontos fixos para monitoramento do peixe-boi marinho (Trichechus manatus manatus) no litoral leste do Ceará - Relatório Técnico*. Fortaleza: CMA/IBAMA, 2000.

BARRETO FILHO, H.T. Tapeba. *In: Povos indígenas no Brasil*. Brasília: Instituto Socioambiental, 1998.

CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. *In: DIEGUES, A.C. [org]. Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec, 2000.

FUNAI. Manual do ambientalista: programa piloto para a proteção das florestas tropicais do Brasil (PP- 67). Brasília: Programa Integrado de Proteção às Terras e Populações Indígenas da Amazônia Legal (PPTAL), 2002.

MEIRELES, A.J.A., SILVA, E.V. Abordagem geomorfológica para a realização de estudos integrados para o planejamento e gestão em ambientes fluviomarinhos. *Revista Scripta Nova-Geo Crítica*, Universidade de Barcelona-Espanha, v.7,n.118, pp.1-15, 2002.

SAMPAIO, J.L.F. *et al. A comunidade Tremembé: meio ambiente e qualidade de vida*. Fortaleza: IESP, 2002.

TEÓFILO DA SILVA, C. [coord.] *Terra indígena Córrego do João Pereira - Relatório circunstanciado de identificação e delimitação*. Brasília: FUNAI, 1999.

VICENTE DA SILVA, E. *Geoecologia da paisagem do litoral cearense: uma abordagem a nível de escala regional e tipológica*. Tese de professor titular, Universidade Federal do Ceará, 1998. Fortaleza, UFC, Departamento de Geografia. Fortaleza, 1998.